

## Vigília Pascal (04/04/2026)

### O rosto dos redimidos

Ontem dizíamos que o nosso rosto traz as marcas da Sexta-Feira Santa — marcas da paixão, da entrega, do mistério da cruz. E é verdade: a vida não nos poupa à experiência da dor, da luta, do silêncio de Deus. Mas também recordávamos que a Sexta-Feira Santa não é o fim. É passagem. É véspera. Aponta sempre para o Domingo de Páscoa, onde a vida vence a morte e a luz rompe definitivamente as trevas.

Por isso, o nosso rosto não pode ficar preso apenas à sombra da cruz. Nele deve começar a brilhar a luz da Páscoa. Um cristão não é alguém que ignora a dor, mas alguém que, mesmo atravessando-a, deixa transparecer a esperança. E aqui somos desafiados: será que no nosso rosto se vê a alegria dos redimidos?

Nietzsche criticava os cristãos precisamente por isso: por não apresentarem o rosto dos redimidos. E talvez esta crítica ainda hoje nos toque. Se vivemos como se a ressurreição não tivesse acontecido, se permanecemos fechados na Sexta-Feira Santa, que sinal damos ao mundo? Que luz oferecemos àqueles que já se afastaram ou que nunca chegaram a experimentar a alegria da Páscoa?

A luz da Páscoa não é um acontecimento distante; é uma presença viva que atravessa os nossos dias e os ilumina por dentro.

É precisamente isso que celebramos na Vigília Pascal. Esta não é apenas uma celebração litúrgica de particular solenidade, mas a atualização sacramental do mistério da Páscoa: nela reconhecemos que o Ressuscitado está verdadeiramente presente e operante. Deus não se ausenta, nem permanece silencioso de modo absoluto; continua a oferecer-Se ao ser humano, interpelando-o e chamando-o à comunhão. Nesta noite, Cristo torna-Se presente como luz, como Palavra e como sacramento.

Cristo é luz, como proclama o rito inicial desta celebração. Não se trata de uma simples metáfora, mas de uma realidade teológica: Ele é a luz que ilumina todo o homem, conferindo sentido à existência. É n'Ele que se esclarecem as questões fundamentais da condição humana — a origem, a identidade e a finalidade. Sem esta luz, o ser humano permanece na obscuridade e na desorientação existencial.

Cristo é também Palavra, como se manifesta na liturgia da Palavra desta noite. A Sagrada Escritura não é apenas memória de acontecimentos passados, mas Palavra viva de Deus, que continua a dirigir-Se ao seu povo. Nela se exprime a

revelação progressiva de Deus na história, culminando em Cristo. Quando acolhida na fé, esta Palavra ilumina a inteligência e aquece o coração, tornando presente o próprio Ressuscitado, que caminha com o seu povo e dá sentido ao seu percurso.

Cristo é, ainda, sacramento do amor do Pai. Aquilo que se revela como luz e como Palavra torna-se eficazmente presente nos sacramentos da Igreja. Estes não são meros sinais simbólicos, mas sinais eficazes da graça, pelos quais Deus comunica a sua vida ao ser humano. Neles, o amor divino não apenas se anuncia, mas realiza-se e transforma.

Nesta noite, alguns recebem a vida nova através dos sacramentos da Iniciação Cristã. Por sua vez, todos somos chamados a reavivar a graça do nosso batismo, acolhendo novamente o dom da vida nova em Cristo. Na Eucaristia, esta graça alcança a sua plenitude, enquanto comunhão real com Cristo, que fortalece e aprofunda a vida divina em nós.

Talvez seja este o verdadeiro desafio desta noite: deixar que a Páscoa se torne visível em nós. Não apenas celebrada, mas vivida. Que o nosso rosto – marcado pela cruz, sim – seja também iluminado pela ressurreição. Que quem nos encontre possa perceber, mesmo sem palavras, que Cristo vive.

O mundo não precisa apenas de discursos sobre a Páscoa; precisa de homens e mulheres que a tornem presente. E é isso que hoje nos é confiado: viver como ressuscitados, caminhar na luz e deixar que essa luz chegue aos outros.

Ámen.

**P. Emanuel Brandão**